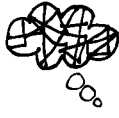


**CATARSE  
DE UM SÍSIFO  
FRUSTRADO**



## A FÁBRICA

*Don't wanna kiss, don't wanna touch, just smoke  
my cigarette (drink my beer) and hush. Don't call my  
name, don't call my name...*

*(Lady Gaga)*

**EIS UM HOMEM FRUSTRADO.** Frustrado com o humano – inclui-se aí. Desde sempre, ouviu inúmeros discursos sobre a relevância de se praticar o “amor”, a “honestidade”, a “autenticidade”, o “altruísmo”... Mas são apenas palavras. Mesmo as práticas que aparentam contemplar tais exigências de “boa convivência”, se minuciosamente analisadas, identificar-se-á que, escamoteadas por de trás de uma suposta solidariedade ou boa vontade, haverá quase sempre o exercício de controle de um grupo para com outro ou de indivíduo para com indivíduo. E sabe o que há de mais desalentador nisso tudo? Não serão somente os exploradores que se alegrarão com esse jogo de poderes. Até os mais insignificantes fantoches tendem a se acharem afortunados. A sensação de pertencimento a uma pretensa ordem, parte de uma hierarquia, gera o sentimento de realização pessoal. Foucault tinha razão: tudo é poder; tudo se trata de poder. Somos, de modo geral, vítimas e beneficiários das relações de poder. Somos controlados e controlamos muito também. Está aí, uma mazela a mais que, porventura, explica a condição mansa, mesmo entre aqueles que têm de suportar as mais vis humilhações na vida cotidiana, para garantir uma genérica reprodução da vida pequeno-burguesa de maneira segura. Vez ou outra poderá humilhar; também subjugará.

Essa percepção acerca do mundo – talvez equívoca e exagerada – há algum tempo, transformou Jean Carlo em um ser cético; ácido; sujo. Mas Jean Carlo já foi diferente. Bem diferente. Já foi destes que choram em ocasiões em que seu time de futebol vence um grande campeonato ou perde importante decisão para um tradicional rival; destes que citam em redes sociais que “o melhor da vida você encontra nas pequenas coisas”; destes que creem ser trabalho honesto sinônimo de trabalho nobre... Hoje, Jean Carlo tem 34 anos de idade. Mas para compreender os determinantes que levaram Jean Carlo a transformar-se no homem frustrado, se faz impar um retorno no calendário. Quinze anos atrás.



Situação: ano de 2006. Mais precisamente, dia 15 de março. Jean Carlo esta prestes a completar 19 anos de idade. Acaba de conseguir seu primeiro emprego de carteira assinada. E é dos bons. Retorna para a multinacional do ramo automobilístico, na qual já havia trabalhado tempos atrás – coisa de um ano – como *office-boy*, mas com contrato que não contemplava o sonhado registro na carteira profissional de trabalho. Esta empresa situa-se em cidade vizinha à qual reside; e trata-se aqui, de emprego invejado. Comparando-se com qualquer empresa, de qualquer ramo, não só das referidas cidades, mas de toda a região, não há outra organização que pague as remunerações que esta abona aos trabalhadores.

Contudo, não há mais máquinas fotocopadoras, não há mais computadores e planilhas de *Excel* a serem preenchidas, nada mais de envio de fax, atendimentos telefônicos, contato com fornecedores, envio, retirada e distribuição de malotes, programação de transporte para os colaboradores do segundo turno... Nada disso... Agora é chão de fábrica. Produção das pesadas. Muitos dos jovens amigos que com Jean Carlo trabalharam também como *office-boys* – ou *office-girls*, para não deixar de relevar certas reivindicações sociais contemporâneas – conseguiram sua efetivação nos setores administrativos. Jean Carlo, entretanto, inexperiente, jovem, ingênuo e porque não dizer, burro, não

aproveitou a oportunidade “de ouro”, mas ainda assim conseguiu beliscar sua vaguinha na organização de maior prestígio na região.

O regresso levou certo tempo, por não conseguir sua dispensa da junta militar – período de alistamento – já nas primeiras etapas do recrutamento. Era alto, desengonçado e sua condição simplória reluzia para que qualquer sujeito detentor de uma quantidade minimamente maior de massa cinzenta percebesse que se tratava do idiota perfeito para adentrar ao quartel. Reza a lenda, porém, que na época as instituições militares, por questões “verbais” – de verba – costumavam dispensar 99,99% de todo o bando que participava obrigatoriamente de seus processos seletivos. O retiveram – e mais uns outros 200 – até a última fase da seleção, para que no final das contas, agraciassem uns três com a honra de servir à nação por meio de prestação de serviços às nossas forças armadas. Jean Carlo, milagrosamente, escapou dessa.



Chegou ciente acerca da fama do sistema peculiar e bruto colocado em prática no chão de fábrica pela notável empresa. Diziam que não havia tempo de ir ao banheiro sem que outro bobalhão colaborador o substituísse em seu posto de trabalho, para que a produção do piso dianteiro do sedã de luxo – eis a parte do automóvel que nosso amigo ajudava a produzir com muito empenho, pelo menos no começo de sua saga – não cessasse um segundo sequer. Afirmavam que cada um dos laboriosos ali presentes tinha nada mais, nada menos do que três minutos e meio para concluir a unidade de peça de sua responsabilidade e que, por consequência, neste mesmo tempo, ao final do setor de inspeção saíria um espécime do belo sedã, pronto para a concessionária e, por conseguinte, para a garagem de um figurão classe média ou média alta da sociedade brasileira de então.

E foi na mosca: a pegada de fato era essa. Segundo declaração dos próprios colaboradores, ali era o local “onde o filho chorava e a mãe não via”. O tal do piso dianteiro do maldito sedã de luxo e outros itens da carcaça do

veículo eram soldados por diversos tipos de soldas. Jean Carlo trabalhava especificamente com uma ferramenta chamada “ponteadeira”. Espécie de pistola que soldava pontos em peças então desagregadas para juntá-las e contribuir com a formação do dito piso.

De início, foi um inferno. O rapaz, durante o período em que não se viu livre do serviço militar, até chegou a trabalhar em linha de produção de uma fabriqueta, dessas fundo de quintal, produtora de *nobreaks*, filtros de linha, estabilizadores, etc. Trabalho de modo informal, mas que lhe proporcionou alguma renda até a tão almejada dispensa do quartel. Mas nada que se rivalizasse com aquele louco sistema produtivo da diabólica multinacional.

Infelicidade pura. Três meses de contrato de experiência. Treinado por um desses motivados funcionários, que vislumbram algum tipo de promoção, em função de toda essa ação energética propagada pelo ideal liberal, cumprindo a cartilha capitalista em busca de ascensão financeira e de *status*, contribuindo para que dia após dia, as metas quantitativas de produção e qualitativas, para plena satisfação dos clientes, fossem alcançadas, mesmo que isso lhe custasse ombros lesionados, perda excessiva de peso, insônia após as insanas jornadas de labor, lesões nas mãos, nos dedos e nas munhecas por ter de manusear por mais de 1000 vezes durante um turno a tal da “ponteadeira”, além de ter de inalar fumaça de todas as demais ferramentas de solda pertencentes ao setor... Enfim... O que importava era o constante engrosso da produção do sedã de luxo, e por tabela, dos bolsos dos proprietários da automobilística, em troca do salário.

\*\*\*

Os três meses findaram... O contrato de experiência também. Jean Carlo foi aprovado; efetivado. Com a efetivação e com o constante depósito dos vencimentos – termo que Jean Carlo aprendeu anos mais tarde em um cursinho fuleiro de departamento de pessoal – em sua conta corrente, ingressaram em sua vida e na de seus familiares algumas soluções versáteis do mundo moderno – tirei essa do filme *Clube da Luta*. Computador com gravador de CD-R ou

CD-RW, acesso à internet por meio do sistema banda larga, serviços de telefone fixo e televisão por assinatura contratados junto a uma mesma operadora, *video-game* de última geração, televisão modelo tubo de 29 polegadas, – a mais sofisticada para a classe trabalhadora de então –, câmera digital de fotografias, aparelhos celulares e até mesmo um carrinho. Gol quadrado, modelo 1995, cor prata. Seu pai já tinha um Fusca, branco, 1968. Com os mensais proventos – jargão do departamento de pessoal novamente – tornou-se motorista habilitado. Pilotou o fuscão por algum tempo e em seguida, seu próprio golzinho – boas histórias a serem contadas em outra ocasião.

Uma conta corrente um pouco mais recheada que a média dos trabalhadores de sua região aos 19 anos de idade tornou-o um ser confiante. Criou uma conta no saudoso Orkut – ah, o Orkut. Você se lembra do Orkut? Passou a usar com maior frequência o não menos glorioso MSN – que na época não era uma sigla para designar o trio MESSI, SOARES E NEYMAR –, e utilizava as citadas redes sociais para tentar socializar-se com garotas de sua idade – era hétero, tímido e virgem; não me refiro ao signo – e só o fato de conversar com garotas, ainda que por redes sociais, já era um dos avanços oriundos da tal confiança gerada pelos depósitos dos vencimentos em sua conta bancária.



Sempre gostou de futebol. Tanto de acompanhar os resultados dos jogos quanto de participar das famosas peladas de fim de semana. Torcia fervorosamente para um clube, cujo nome não importa, mas que é até hoje identificado pelas cores verde e branca, predominantes em seus uniformes. Passou a comprar as camisas originais deste time, mesmo com estas possuindo elevado preço. Quanto às peladas, tanto as disputadas no futsal, no *society* ou no bom e velho futebol de campo, eram particulares, as pagas e sempre sem preocupação alguma com as onerosidades financeiras. O moleque não queria mais saber dos rapadões públicos com traves de madeira.

Isso não bastou. No decorrer do tempo começou a realizar contatos pessoais e íntimos com mulheres. Deixou de ser virgem. Gostou do que provou. Nas redes sociais sempre ilustrava o seu perfil descolado. O cidadão medíocre, simplório, apto ao serviço militar, agora tinha emprego próspero, vencimentos obesos sendo depositados mensalmente em sua conta, era solteiro e mais desenvolto durante os flertes. Conseguia vez ou outra boa companhia feminina, sem sérios compromissos, mas sempre com muita “responsabilidade” – no melhor estilo Felipe Melo. Era mais respeitado pelos amigos, com os quais, inclusive, iniciou seu contato com substâncias etílicas, aos vinte e um anos, – pelo que consta, sustenta uma relação profundamente amorosa com as apontadas substâncias até os dias presentes... E por aí vai...

E o preço pago para a manutenção de todo o *status*? De toda a aparência? De toda a demonstração do fenômeno – para usar um termo platônico – e não da essência? Era ainda para Jean Carlo, muito caro. Quase que insuportável. A felicidade só era experimentada aos sábados e domingos. As segundas, terças, quartas, quintas e sextas-feiras, das 15h00 – momento em que começava a se aprontar para ir até o ponto e embarcar no busão da empresa – até às 03h00 – diariamente realizava ao menos uma hora extra, raramente deixando o covil no horário normal da jornada – a história era bem diferente.

Lembra-se dos três minutos e meio que cada peão possuía para a realização eficaz de seu processo em seu posto de trabalho? Então... Com o passar dos anos este tempo foi sendo reduzido. De início, se fabricava de 120 a 123 carros por noite. Este número sofreu uma leve alteração; um acréscimo. Pulou para 130... Posteriormente, 135, 140, 147, 150, 155, 163... Acho que parou por aí. Pelo menos até o momento em que Jean Carlo permaneceu nesta multinacional do ramo automobilístico.

Deve estar se perguntando: “que imbecilidade... Pressão por produção? Isso é a rotina de toda a classe operária em qualquer lugar do mundo. Não se conquista nada sem esforço; não se gera riqueza sem sacrifício”. Exceto o trecho de garantia de sucesso com esforço, ademais, você tem razão. Mas, calma. Há

detalhes acerca do trampo deste menino, talvez, muito próprios desta organização. Vamos a estes detalhes.

Começemos pelos equipamentos de proteção individual – os famosos EPI's: capacete com ajuste na jugular, protetor facial contra rajadas emitidas pelas soldas acoplado ao capacete, óculos de segurança por debaixo do protetor, avental de couro, camisa estilo “*Polo*” manga longa por debaixo do funesto avental, calça azul clara de tecido frágil, sapatão de segurança com bico de aço – tamanho 44 para o figurão – e protetor auricular estilo “*plug*”. O mais triste é que essa joça toda era de fato necessária. Nem a armadura do Jaspion o protegia tanto em seus atos heroicos. Daí imagina-se o tipo de trabalho que era ali realizado pelos funcionários.

Veza ou outra, mesmo com todo esse aparato protetor, uma fagulha das rajadas emitidas pela solda conseguia transpassar a armadura por uma mínima abertura existente entre o avental e o corpo do peão. No contato da fagulha com a pele, Jean descobriu que os seres humanos, se cozidos, provavelmente cheirarão a frango.

Durante o inverno ou em noites chuvosas, a coisa era até que tolerável. Mas o Brasil é um país quente. Aquela região é abundantemente quente. Altas temperaturas e calor escaldante na maior parte dos anos – dos cinco anos. Havia dias em que Jean Carlo pensava; em sua mente pouco sofisticada ocorria, mesmo que por breve tempo, a ideia de jogar tudo para o alto. Não ir para o trabalho na renomada multinacional do ramo automobilístico. Contudo, o que mais poderia fazer para manter celular, câmera digital, tevê por assinatura, *video-game* de última geração, futebol de fim de semana, flertes, o respeito dos amigos, o status descolado das redes sociais, o Gol quadrado e a ilusão de amor próprio? Nada. Além do mais, o que seus pais achariam disso? E os parceiros? Certamente diriam: “que mentecapto, consegue o emprego naquela renomada multinacional do ramo automobilístico e abandona dessa forma. É um desgracado mesmo”... Teria de aguentar...





Mas o suplício não se limitava ao tempo absurdo e impossível de se cumprir sem uma boa dose de loucura por parte do colaborador para a produção do sedã de luxo e nem em ter de usar uma armadura medieval independentemente de a temperatura ambiente sinalizar 10°C ou 50°C. Havia também os trabalhadores. Os funcionários, os proletários, os peões, os irmãos de “sofrência”. Gente quase sempre honesta – pelo menos em sua maioria – e de inúmeros lugares do Brasil. Paraná, Paraíba, Alagoas, Bahia, outras cidades do Estado. Pessoas que muito provavelmente não tiveram, entre outras coisas, oportunidade digna de estudo. Não que isso signifique algo... Atualmente, entendo que não. Educação transforma pessoas e pessoas transformam o mundo, teria dito Paulo Freire. Mas nem sempre a transformação virá de encontro à melhora do mundo. Quase nunca é. No final das contas, todos pensam na melhora de si. Nada além. E melhorar a si, não obrigatoriamente significará a melhora do todo.

O caso é que boa parte destes homens e mulheres haviam conhecido de perto a pobreza; ou até a miséria. Ali você se depararia com os que trabalharam na roça em plantações de tomate, café, ou como “boias-frias” em canaviais. Os que foram serventes de pedreiro, os que saíam de outras fábricas, nas quais ralavam tanto quanto na multinacional renomada do ramo automobilístico, mas que não chegavam a ganhar, quase que por certo, nem a metade do salário que ali lhes era pago. Também conheceria pessoas que falsificaram diplomas de conclusão do ensino médio para poder trabalhar na ilustre empresa. Antiéticos? Safados? Não sei. Nunca passei fome. Jean Carlo também não.

Essa gente o recebeu bem. Pode não parecer, mas o recebeu bem. Vínculos foram construídos. Amizades sinceras criadas. Mas algo nestas relações incomodava-o muito. O quê? A passividade dessa gente. Passividade em relação a quê? A tudo... Ao fato de não poderem estudar, de terem de falsificar diploma de ensino médio, de terem de encarar canaviais e plantações de tomate e café, de trabalharem como serventes de pedreiro e, sobretudo, de ralarem demasiado

para dar conta dos impraticáveis tempos a serem cumpridos em cada processo de fabricação do sedã de luxo. Tudo sem a menor demonstração de revolta. Aparentemente, a fome, quando sanada, acalma os ânimos, pacifica o espírito.



O garoto era como os demais no começo de sua jornada. Lembra? Para manter tudo... Capacidade de consumo, *status*, e tal? Mas se enfastia fácil. Desde sempre. Na escola pública de seu Estado – o que certamente não é exclusividade de Jean Carlo; no emprego anterior na empresa em questão como *office-boy*; no trabalho da fabriqueta fundo de quintal. Por que neste seria diferente? Pelos altos vencimentos? Pelo *status*? Por garantia de *affairs* aos fins de semana? Não... Nada disso seria o suficiente para estimulá-lo a se esforçar, a se dedicar, a comer a grama que os demais estavam dispostos a comer. Queria manter a vida que levava; acreditava que isso lhe trazia alguma paz de espírito – e talvez trouxesse. O personagem Svidrigáilov, de Dostoievski, em *Crime e Castigo*, diz que aquele que melhor vive é o que melhor se ilude... Jean Carlo o fazia bem. Mas seria na base do arroz com feijão. Do fazer o suficiente; o básico. Nada de extrapolar. Nunca entendera exatamente o porquê disso, mas é assim que seria. Trabalharia sempre na mesma função. Nada de virar líder de equipe, líder de grupo ou supervisor. Seria o eterno ajudante geral; o operador multifuncional. Isso bastava... Dava para manter o rumo de tudo, exatamente do jeito que estava e do modo como desejava.

E assim se fez. Por pouco mais de três anos. Mas Jean Carlo, entre outras coisas, ainda não havia lido Nietzsche. Não aprendera que nada, absolutamente nada, permanece de acordo com o intento original. Que nada é essência; que tudo se transforma; modifica-se. Heráclito também pode ser citado aqui. Possivelmente, é até mais justo do que se fazer valer do bigodudo.